

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil Class.: 80  
Data: 01/08/79 Pg.: \_\_\_\_\_

# YANOMAMIS 01/08/79

## OUTRAS VÍTIMAS NA

### ESTRADA DO PROGRESSO JB

Vivian Wyler

**O**S yanomamis são considerados, por muitos estudiosos, a maior nação indígena de hábitos ainda inalterados da América do Sul. Isto se explica porque, até 1974, seus 8 mil 400 membros, dispersos pela região da fronteira entre o Brasil e a Venezuela, não haviam mantido contatos com brancos, a não ser por alguns missionários e cientistas ou exploradores ocasionais, que se aventuravam pelo Território de Roraima.

Hoje, porém, o quadro está mudando rapidamente, e já se fala na provável extinção das 203 habitações fotografadas em 1977 pela Funai na área. As causas do extermínio? As mesmas de sempre, quando se trata de índios e de suas relações com o homem dito civilizado: doenças como sarampo, gripe, tuberculose. A solução para o problema, há muito apontada por todos os que

lidam com a causa indígena, é a delimitação das terras.

— Mas não segundo as portarias baixadas pela Funai em fins de 1977 — observa Carlos Zacquini, missionário italiano da Consulata, trabalhando há 15 anos na região, e um dos autores do projeto de criação de um Parque Yanomamis. — Nessas portarias, que nunca chegaram a ser postas em vigor, reconheciam-se 21 áreas como sendo de ocupação indígena. Ora, isso, do ponto-de-vista da sobrevivência do índio, é simplesmente inaceitável. Tais áreas seriam verdadeiras ilhas em meio a outras, provavelmente ocupadas por brancos, o que significaria que, mais cedo ou mais tarde, viria a invasão, e com ela a morte dos índios.

Zacquini e a fotógrafa Cláudia Andujar — “meio suíça, meio húngara”, mas naturalizada brasileira e morando há dois anos em Roraima — acreditam que a única forma de impedir essa invasão é criar um parque, que teria cerca de 6 milhões 400 mil hectares (cerca de três vezes o

tamanho do Parque do Xingu). E por isso, no dia 27 de junho último, levaram uma proposta nesse sentido ao atual presidente da Funai, Ademar Ribeiro da Silva.

Cláudia, que preparou um cartaz, com fotografia sua, mostrando um índio pescando e as palavras “Terra, Yanomami, Vida”, disse que foram muito bem recebidos pelo Sr Ademar Ribeiro da Silva. “Ele achou muito oportuna a idéia, principalmente porque os yanomamis, disse, são ‘um patrimônio da humanidade’. Prometeu que ia empenhar-se em fazer o projeto andar, e nos aconselhou a divulgá-lo, para acelerar o processo. Este cartaz é o primeiro passo para uma espécie de campanha, alertando o público para o problema”.

Também levaram o projeto ao Ministro do Interior, Mário Andreazza, que o considerou “simpático” e garantiu que, nos próximos dois meses, o passaria ao Conselho de Desenvolvimento Social. “Todos acham que o principal motivo para

Sucursal/SK - Av. Higienópolis, 983 - 01238



Os yanomamis são de estatura mediana e vivem da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres

se considerar viável o projeto é que visa a prevenir uma coisa que ainda não aconteceu, ou seja, a invasão de terras”.

Os yanomamis são de estatura mediana para baixa, nômades intermitentes, vivem da caça, pesca e coleta de frutos silvestres, e têm uma agricultura de subsistência, que supre um terço de suas necessidades. Ocupam a área onde estão localizados desde pelo menos 1787, data em que foram registrados pela Comissão de Limites portuguesa. Para o tipo de sociedade que têm, é importante que possam deslocar-se

e manter contatos entre as várias aldeias.

Se as portarias da Funai fossem implementadas, os yanomamis ficariam restritos às suas ilhas, sem chance de contato com outros integrantes da nação. Ora, esse contato é fundamental para a realização de seus rituais funerários, que duram às vezes até mais de uma semana, e onde se discutem casamentos, associações e outras coisas essenciais ao desenvolvimento social das tribos.

Os yanomamis brasileiros (existem 8 mil na Venezuela), que já foram objeto de um festival em Pa-

ris, tiveram um contato bastante penoso com os “civilizados”. O resultado — diz Carlo Zacquini — foi o desaparecimento de 13 aldeias anteriormente registradas por fotos aéreas do projeto Radambrasil.

“Isso ocorreu em 1975”, ele diz, “quando começaram a construção da Perimetral Norte. Hoje, naquele trecho de 60 quilômetros, restam uns 50 índios, que vivem à beira da estrada na mais completa miséria, sofrendo de inúmeras doenças, inclusive venéreas. Em outro trecho, onde os peões apenas derrubaram o mato para a posterior entrada dos tratores, tudo indica que desapareceram umas oito ou 10 aldeias. No total, essa estrada já deve ter matado uns 1 mil índios.”

Além de Zacquini e Cláudia Anduja, há muitas outras pessoas que defendem o projeto, elaborado em cooperação com o antropólogo francês Bruce Albert. Também colaboraram muitos juristas, médicos e jornalistas. “Além do projeto, fizemos uma petição ao Presidente da República, que foi assinada por um número bastante expressivo de pessoas, entre elas Carlos Drummond de Andrade, Raimundo Faoro, Sobral Pinto, Jose Mindlin, Gilberto Freire, Dom Ivo Lorscheider, José Cândido de Carvalho. Apoiada pela Comissão Pró-Índio, pelo Conselho Indigenista Missionário, e agora, ao que tudo indica, pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que nos prometeu divulgar uma moção, a idéia tem tudo para vencer.”